

A GRAMATICALIZAÇÃO E O PROCESSO DE METONÍMIA: INCORPORAÇÃO DA NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS

Maria Célia Lima-Hernandes¹ (USP)

RESUMO: O desenvolvimento de itens e estruturas no português, como em diversas línguas, evidencia que a presença de uma partícula negativa pode desencadear um jogo de prevalência da polaridade negativa sobre a positiva. Provavelmente devido à alta recorrência desses usos, a negação é incorporada à estrutura de polaridade positiva desencadeando um novo uso. Entende-se, assim, por metonímia esse processo de incorporação sintática promotora da gramaticalização de um item que desenvolve uma nova função no português com motivação contextual ou sintática.

PALAVRAS-CHAVE: gramaticalização; processo metonímico; negação; polaridade.

ABSTRACT: The evolution of items and structures in Portuguese language and in other languages includes the negative items presentation that shows the stronger negative polarity than positive one. Maybe this fact occurs because of high frequency of uses, the negation becomes the means of other affirmative elements and the result is a new function for the old form. So, we understand the metonimic process have occurred and the grammaticalization process of an item without negative polarity became it from contextual and syntactic motivation the new function.

KEYWORDS: grammaticalization; metonimic process; negation; polarity.

1. Introdução: Caminhos da negação e da polaridade

Todo o processo de gramaticalização engatilha-se em estruturas produtivas a partir das quais um sentido mais concreto desliza para um sentido mais abstrato. Alguns autores, a exemplo de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), identificam essa força propulsora como decorrente de uma transferência conceptual (metáfora), que aproxima domínios cognitivos

¹ Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - FFLCH, mceliah@usp.br.

diferentes, e de uma motivação pragmática, que envolve a reinterpretação induzida pelo contexto (metonímia). A diferença entre essas duas forças pode ser expressa, segundo Bisang (1998), pelo plano de atuação. Metáfora diz respeito ao domínio conceptual (analogias e implicaturas convencionais) e metonímia, ao domínio das inter-relações sintáticas (reanálises e implicaturas conversacionais). Aqui as discussões trilharam os caminhos dos gatilhos metonímicos que envolvem a negação.

No francês, em todas as negações sentenciais, os advérbios negativos co-ocorrem com um clítico verbal, mas sua posição depende, segundo Abeillé & Godard (1995), da finitude da forma verbal. O estudo desenvolvido pelos autores mostra que os advérbios apresentam-se como complementos de verbos finitos. Esse estudo complementa-se com a afirmação de Bouchard (1995), para quem verbos em forma não-finita restringem a posição da negação para a posição à esquerda de V.

No Português, contudo, nem sempre se necessita da partícula negativa em posição pós-verbal para compor uma sentença negativa. Esse foi o problema levantado por Fonseca (2004:6), ao identificar dados, como:

- (1) Tem *ninguém* no chat... (página da Internet/Brasnet, 3.10.00)
- (2) Experimente usar *nada* (revista Caras, n.44, 3.11.00)
- (3) ...jogar futebol ou fazer *nada* (Folha de S.Paulo, 03.00)
- (4) Prático *nenhum* esporte (Projeto Nurc-RF-D2, 158:48)
- (5) Eles estão dizendo que sobrou *nada* (Hernandes/Galvão/99)

Nesses exemplos, a negação de base pronominal ocupa posição pós-verbal. Segundo a autora, esse tipo de estrutura desqualificaria a língua portuguesa como uma língua de negação pré-verbal. E, apesar de reconhecer que está diante de um processo de mudança lingüística, pelo recorte teórico-metodológico, não permite apreender, de fato, o movimento desse processo. Alguns autores atribuem essa dificuldade explanatória à sua natureza cíclica. O jogo instaurado traduz-se no binômio opositivo *reforço/economia*, apreensível em dados pancrônicos, que melhor apresenta fases em que itens negativos são dispensáveis em decorrência da incorporação de sua polaridade por outros itens sintaticamente relacionados. A habituação e conseqüente desgaste, atuariam no sentido de fazer necessária a negativa dupla, como forma de compensação.

Ratifica esse argumento o trabalho de Cunha (2000:166), que, em busca de evidenciar os movimentos lingüísticos, rejeita uma motivação pelo contato lingüístico, ou mais precisamente por crioulização, e sustenta esse percurso de alterações como “mudanças naturais a que qualquer sistema lingüístico está sujeito”, plenamente previstas nas bases do

princípio do uniformitarismo, proposto por Labov (1994). Comporiam a base de motivação desse fenômeno fatores pragmáticos, cognitivos, sintáticos e também fonológicos.

Cunha propõe os seguintes estágios no desenvolvimento de negativas pós-verbais no português do Brasil:

- 1.reforço opcional da negação através de acréscimo de *não* pós-verbal;
- 2.reanálise do *não* pós-verbal como elemento obrigatório via repetição de uso;
- 3.redução fonológica do *não* pós-verbal;
- 4.eliminação da redundância através da omissão do *não* pós-verbal. (idem, p.167)

Esse processamento, cíclico, não é peculiaridade do Português e também não foi com exclusividade apontado por Cunha; já fora identificado por Jespersen no início do século XX. Segundo Hoeksema (1995), os ciclos de negação propostos por Jespersen (1917) podem ser ratificados na evolução do *dutch* medieval, idioma em que o processo iniciou-se com uma negação clítica (envolvendo um marcador proclítico *en* ou *ne* a um verbo finito), depois passou à dupla negação (envolvendo negação clítica e uma adicional negação adverbial *niet* ou outra palavra negativa) e, por fim, chegava à negação (não-clítica) expressa exclusivamente por *niet* ou outra palavra negativa, como demonstrado a seguir.

[1] Ciclo de Jespersen em *Dutch*:

estágio 1 - negação preverbal (clítico): *ne / en + Vf >*

estágio 2 - negação embracing: *ne+Vf+niet >*

estágio 3: negação posverbal: *Vf+niet*

Note-se que o estágio 2 envolve um advérbio de negação e outras palavras negativas, equivalentes no português a *ninguém, nunca, nenhum*; e, no estágio 3, a negação clítica perde terreno até desaparecer.

As pressões funcionais são bastante fortes durante o desenvolvimento desse ciclo de negação. No início, os marcadores de negação são altamente recorrentes. Essa alta frequência provoca, segundo Hoeksema (1995), a erosão fônica; acreditamos, no entanto, que mais do que isso ocorra. Se temos a erosão fônica, é certo que seu efeito já não é o mesmo na situação de uso. Pela alta frequência, o elemento negativo torna-se altamente pressuposto nas estruturas em que seria esperado como marcador da polaridade negativa.

Se não desprezarmos, ainda com base no ciclo proposto por Jespersen, que a negação é reduzida a um clítico fraco ao mesmo tempo em que seu componente informacional é altamente relevante para o que é comunicado, então reconheceremos uma pressão funcional instaurando-se: a necessidade de reforço (para ser compreendido) e a necessidade de elisão

pela alta pressuposição. Assim, a negação é reforçada por itens de polaridade negativa que sinalizam a presença da negação. O resultado é a concordância negativa.

Os clíticos já não são exigidos no plano comunicativo, tanto que são avaliados comumente como redundantes pelos falantes da língua. São, contudo, exigidos pelas regras gramaticais, como a evidenciar uma fase anterior da evolução da língua. A concordância comunicativa passa a ser muito recorrente e o ciclo pode ser iniciado pela erosão do sentido ou da forma. Por isso mesmo, são elididos da superfície lingüística - ou desativados, como preconiza Castilho (2004) em sua leitura sócio-cognitivista.

Em meio a afirmações desse tipo, surgem os questionamentos de Sousa (2006), que põe em cheque a terminologia e definição empregadas para os termos *clítico* e *afixo*. Segundo a autora, seriam rótulos empregados para nomear fenômenos diferentes, equivalentes a etapas distintas do ciclo de mudança da negação no Português do Brasil. As perguntas apresentadas pela autora sugerem que o emprego de ferramentas de controle fonético, tais como espectogramas gerados computacionalmente, associados a ferramentas de controle de variáveis externas e internas devidamente correlacionadas, tais como propicia o Goldvarb, num arcabouço mais próximo à Sociolingüística Paramétrica, que alia pressupostos funcionalistas e formalistas como complementares, seriam fortes aliados na busca de critérios mais rígidos de identificação dessas categorias. Apresenta, para tanto, evidências a partir da identificação de, pelo menos, quatro variantes distintas de realização do item *não* em contextos bastantes interessantes de uso.

Ratificam em parte essa sugestão de encaminhamento as idéias de Haiman (1994), para quem a gramática muda especialmente em pontos críticos representados pela repetição, que o autor prefere rotular de “ritualização”. Esse fenômeno é apreensível por meio da análise da *habituação* (resultante da repetição e esgotamento de um objeto ou prática cultural de sua força e freqüência de seu significado original), da *automatização* de seqüência ou unidades (produtora do uso em bloco em contextos específicos), da *redução* da forma (decorrente do enfraquecimento e da reorganização de uma série antes entendida como uma série de informações) e da *emancipação* (reveladora da passagem de funções mais instrumentais para funções mais simbólicas inferidas de um contexto específico).

Esse processamento também remete, em algumas fases, à atuação metonímica, que se associa à resolução de problemas de informatividade e relevância na comunicação, especialmente porque é nesse contexto espontâneo de fala que uma aproximação sintática se faz, desencadeando um processamento conceptual favorecedor da passagem de um item/construção menos gramatical para um mais gramatical. A contigüidade seria, em última

instância, condição *sine qua non* para que a metonímia opere; é por isso que Heine, Claudi & Hünemeyer (1991, p.61), apoiados em Taylor (1989, p.122), definem metonímia como “*a figure of speech whereby the name of an entity is used to refer to another entity that is contiguous in some way to the former entity*”, um mecanismo que contribui para o processo de gramaticalização, posto que pode provocar a reanálise estrutural.

Diante do exposto, pode-se considerar gramaticalização tanto um processo dinâmico que reflete não somente o movimento contínuo em torno da estrutura (nas relações estabelecidas) motivadas pelos falantes em sobreposições da combinação sentido/forma e conseqüente ambigüidade, traduzida numa assimetria², mas também pode ser compreendida como um processo motivado pela aproximação sintática de elementos anteriormente dissociados ou individualizados durante a recepção da fala.

2. O movimento e a atuação da negação

Nos estudos sobre gramaticalização, a negação apresenta-se como um dos testes para examinar a integração de itens e estruturas. Além de recurso metodológico, a negação aparece como forte influenciador na mudança de alguns itens nas línguas em geral. Em interface com a cognição, a explanação desse item amplia-se consideravelmente no português do Brasil.

Enquanto, nas discussões sobre gramaticalização, muitos pesquisadores estão se perguntando a respeito dos caminhos e direcionalidade desse processo específico de mudança, nas discussões sobre cognição lingüística, muitos se perguntam se alguma interferência cultural estaria na base dos processamentos cognitivos. As polêmicas e debates acirrados acerca das rotas de mudança gramatical nas línguas são os efeitos dessas dúvidas, posto que os *continua* unidirecionais ora são consistentes (Heine; Claudi; Hünemeyer 1991), ora fragmentados por poligramaticalizações (Craig, 1991), ora revertidos (Lima-Hernandes, 2005), ora recusados ou ignorados (Campbell, 2001; Castilho, 2004).

O consenso se instaura no *continuum* concreto > abstrato, invariavelmente, apreendido a partir da organização de categorias cognitivas. A explicação, contudo, para essa organização tanto é vigorosamente sustentada pelos domínios cognitivos quanto pela conjugação dos domínios cognitivos com os domínios sócio-culturais (Haiman, 1994; Bybee, 2000). Todas essas pesquisas, sem exceção, priorizam como foco de observação geral o resultado da mudança, qual seja, o item ou a construção-meta emersa a partir de uma

estrutura ou item-fonte de análise. Ocorre, contudo, que o jogo de forças estabelecido entre categorias subjacentes pode nos dizer muito a respeito do processamento mental ocorrido. É o que nos interessa neste trabalho: discutir o estatuto dos elementos elididos em estruturas que envolvem a gramaticalização da negação e, especificamente, apresentar evidências de que aspectos sócio-culturais guiam a mudança gramatical no português e que o custo gramatical dessas mudanças é justamente a elisão de itens possuidores de traços de polaridade negativa.

Tanto por meio de dados sincrônicos quanto diacrônicos, pode-se apreender o ciclo de gramaticalização da negação. A sincronia revela usos bastante inovadores decorrentes da atuação não mais da negação adverbial, mas da negação por itens de variados graus de polaridade negativa³, e a diacronia permite recuperar a trajetória de emersão do efeito de polaridade negativa. Ainda numa tímida investida, identificamos os seguintes contextos-gatilho: negação + indefinidade, tempo + intensificação, negação + intensificação, condição + volição e adição + negação, negação + partitivos, dentre outros casos, fazendo emergir pronomes indefinidos, conjunções contrastivas, dentre outros. É justamente por isso que hoje, julgamos desnecessário o emprego de uma partícula negativa junto a algumas palavras, diferentemente do que ocorria em documentos do português antigo:

“quando no rosto de uma proposição figuram as palavras nenhum, ninguém, nada, como sujeitos ou complementos da mesma, não se costuma hoje empregar o advérbio não, modificando-lhe o verbo, como faziam algumas vezes os antigos escritores, dizendo: nenhum mal não é crido; a ninguém não explicou ser procedimento...” (Ribeiro 1950:658)

a) *base espacial > exclusão*: um advérbio associado a categoria cognitiva “espaço físico” associada a idéia de “lado externo” pode gerar o efeito de exclusão com alta carga de polaridade negativa, como se percebe com o item *fora* na variedade culta do dialeto soteropolitano e de estudantes paulistanos do ensino médio em situação de avaliação formal, cujos exemplos reproduzo, respectivamente, a seguir:

(6) L1 bom prá aula de música a::acredito que nao precisa material né?...a nao ser::...a a roupa de dança com...vestidas né?...com as ahn:: fora isso a escola tipo de::...de dança ou...conjunto né?...que agora deve ter...o::seu gravador se fita se disco...o tipo de::...de

² Tal assimetria, por se constituir um problema comunicativo ao falante-ouvinte, será resolvida pela reanálise e analogia que provocariam a paradigmaticização da nova forma.

³ Pode-se consultar a respeito o trabalho preliminarmente desenvolvido por Lima-Hernandes & Galvão (2006).

dança ou...conjunto né?...que agora a moda está no jazz entao deve ser a base de conjunto né?...agora prá::...pintura...deve ser tela e...as tintas né?...os pincéis suas tintas...(próprias) prá pintura...mas a escola eu acho que nao tem escola nenhuma que faça esse...esse tipo de ensinamento SO na universidade...mas ginásio primeiro grau e segundo (did salvador)

(7) fora o fato da destruição dos recursos naturais, há a destruição pelo poder bélico (vest. Centro Paula Souza - 2006)

Caminho similar foi identificado por Ganzella, Bolfarine e Alves (2006)⁴ para explicar a emersão do uso do item de polaridade negativa *pero* (< *per hoc*). No português arcaico, exigia-se uma partícula negativa para compor a idéia de contraste (adversativa 50%; concessiva 7%). Caso a partícula de polaridade negativa não fosse empregada, as interpretações seriam conclusão (4%), explicação (14%), marcador (1%) ou sobreposição de sentidos (24%).

(8) ...e pensei que serviria aqui alguu homem bõõ que me fizesse cavaleiro. E *pero* tam alta ordem como cavalaria *nom* na queria filhar se nam per mão de homem bõõ. (Demanda)

Os autores mostram que a negação pode também ocupar outros espaços na estrutura gerando um contraste: mais+*pero*+*nom*; *pero*+*nom*+oração; mais/mas+*pero*+ advérbio; e +*pero*+*nom*; mais+*nom*+*pero* → adversativa; conjunção (ca)+*pero*+oração; *pero*+pronomes+*nom*; e+*pero*+*nom*; mais+*nom*+*pero* → concessiva. Não há dúvida sobre a importância do advérbio de intensidade para o processo.

Similar desdobramento tem o uso da partícula *ende* (*ende* > *em*) que passa de codificador de espaço físico (advérbio) > espaço textual (pronomes anafóricos):

Ende, com sua grande variedade semântica, podendo retomar todo o texto precedente ou simplesmente uma ação, ou local, apresenta em ambas edições⁵ formas oscilantes *em* e *ende*, de significado idêntico. (Tait, Pereira, Notari e Pen 2006:13)

Esse uso pode ter gerado, segundo a análise desses autores, também o uso partitivo, já metonímico de um *locus* não mais em sua totalidade (*ende* > *de*). Essa rota tem sido evidenciada no francês em que o item *pas* (passo: num uso partitivo) compõe com um

⁴ Os autores procederam ao levantamento do item *pero* na *Demanda do Santo Graal*, edição de Irene Freire Nunes.

⁵ Os autores comparam duas edições da *Demanda do Santo Graal*: a de Augusto Magne (1944) e a de Irene Nunes (1995). Utilizam como controle da edição de Megale (1992).

advérbio de negação a dupla negação *ne...pas*. Recentemente, o que se tem visto é que, na língua falada, a partícula cumpriu o ciclo de Jespersen e, agora, incorpora a polaridade negativa, prescindindo do advérbio pré-verbal.

a) *negação + indefinitude*: a indefinitude apresenta-se como o traço mais freqüente que dá origem a pronomes de polaridade negativa na língua portuguesa. Essa indefinitude pronominal pode ser composta por meio da erosão de encadeamentos sintáticos e conseqüente incorporação de polaridade negativa, como demonstra a evolução de *ninguém* (<neg+pronome indefinido), *nenhum* (<neg+artigo indefinido) e *todavia* (pronome indefinido + substantivo).

(9) ...eahy *sem ninguem* desembarcar-se comeo alguã couza que servio de jantar... (fól. 25r)

(10) Stabeleçemos que *nenhuum nom* leue aaqueles que acaeçer perigoo no mar, assy dos da nossa terra come dos das outras, se acaeçer per britamento de naue ou de nauio, alguma cousa que andasse na naue ou no nauio que aportase na rribeyra ou en alguum porto, mais os ssenhores d'essas cousas ajam-nas todas em pax, assy que os nossos almuxarifes nom leuem d'eles cousa, nem aquelles que de nos as terras teuerem, *nem nenhuum* outro. (Lei de 1211 (Afonso II - p.412)

(11) 7º Para que seconsigaõ os bonseffeitos das ditas Minnas, Heypor bem, que qualquer peçoa que estiver comdemnado em degredo para alguma outra parte o possahir servir ás ditas Minnas com declaração que os taes degredados não seraõ degalés, *nem* sepoderaõ tirar dellas *nenhuns* ainda queseja oficial, eque com Certidaõ vossa, ou de quem vos succeder no dito Cargo, decomo atalpeçoa servio nas ditas Minnas otempo que tinha dedegredo, lhe será levado em conta, e lhe mandareipassar Alvará deperdaõ em forma. (Cartoriais - séc. XVII - 317-319)

(12) E mãdo que o que eu der d'aquesta mãda en mia uida que *no'*no busque *neng~uu* de pos mia morte.(Demanda - XV)

(13) [e mando que o que eu der deste pedido em minha vida que *não* o reclame (nec-unu) *ninguém* depois de minha morte] - (Testamento de D.Afonso II - 1214 - p.397)

(14) ... e suas vergonhas tam nuas ecom tamta jnoçemçia descubertas que nõ avia hy **nh~u~ua** vergonha (Carta de Pero Vaz de Caminha - XVI - p.53)

Justamente essas rotas de desenvolvimento é que explicam o comportamento restritivo de alguns itens, como *algo*⁶, que rejeita negação posposta, embora possa atuar com certo grau de polaridade negativa em estruturas delimitadoras:

(15) Esse trabalho foi *algo* interminável. [antecedente: -humano]

(16) aquele menino é *algo* simpático. [antecedente: +humano]

b) *base temporal ou aspectual* + adição: a noção de tempo é básica para muitas outras noções, inclusive para a negação. Uma evidência disso é a cristalização do advérbio de negação *jamaís*, que assumia primitivamente as noções de tempo em co-ocorrência com a idéia de adição. Após a junção dos itens, ainda era possível testemunhar expressões com dupla negação:

(17) ...outros pedindo varias couzas superfluas para elles, e suas familias, outros *que nunca ja mais* se acomodavaõ nem estavaõ satisfeitos, outros pedindo licença para se auzentarem. As mulheres *que nunca ja mais* são boas de contentar, huãs com dores de barriga, outras peçadas, e na hora do parto, por estes motivos ... (Diário de Navegação - fól. 14r - séc.XVIII)

(18) Nestes termos se achava tudo, ou pela mayor parte quaze todos; e porque *ja não mais* remedio do que assim mesmo embarcar porque do contrario se seguiaõ graves prejuizos, ... (Diário de Navegação - fól. 20r - séc. XVIII)

Diacronicamente, é possível identificar casos que seguiram o mesmo rumo para gerar o valor polarizado de negação. É o que vemos com a expressão *nulla rem nata* (latim), que detém polaridade negativa no primeiro item da cadeia sintática. Na passagem do latim para o português, é possível surpreender dados em que a primeira partícula desaparece, posto que já é desnecessária. Explicamos: os itens seguintes da cadeia incorporam o valor negativo, tal é o índice freqüencial de co-ocorrência, e já podem sozinhos indicar essa polaridade negativa. Em documento do século XV, Oliveira (2006) mostra que a partícula *rem* esvazia-se enquanto partícula negativa e passa a exigir a presença de item com polaridade negativa, compondo a dupla negativa no português arcaico, cumprindo o ciclo de *reforço*:

⁶ s.XIII. arc. 4. aquele que é rico, poderoso <a fazenda de um algo era ganha por armas ou herdada, e jamais fruto do seu trabalho> 5. indivíduo nobre; fidalgo <distinguem-se os algo por seus esclarecidos ações> GRAM. por ter natureza de substantivo, o pronome algo nunca é usado junto de outro substantivo, podendo ser precedido de demonstrativo, e seguido de atributos: encontre algo de interessante?; este livro tem aquele algo que se espera da boa literatura. ETIM. lat. aliquod 'alguma coisa', neutro de aliquis; f. hist. 897. aligo, 1174 algo, s. XIII algu, s.XV alguo (*apud* Houaiss & Villar, 2001)

- (19) A dona *nom* tragia *rem*, que era sa senhora (Demanda, Freire Nunes: 246)
- (20) Nom quero ta espada *nem rem* de teu, pero leixo-te a batalha. (Demanda, Freire Nunes: 286)
- (21) Ai! dom Taulat! disse Damas. *Nunca* vos vii tam espantado de *rem*. (Demanda, Freire Nunes:303)
- (22) Senhor, por Santa Maria,/mandad'ante vós chamar/ela e min algun dia,/mandade-nos raz[ô]ar: se s'ela de min queixar/de *nulha ren* que dissesse,/en sa prison quer'entrar. (p.274 - cantiga 146 - Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses)

Processamento similar ocorrerá com o item sinônimo de *rem*, a palavra *coisa* ou *cousa*. Simultaneamente, a palavra *nada* ganha autonomia e passa, às vezes sozinha, a atribuir polaridade negativa:

- (23)Qualquer peçoa, que quizer descobrir Minas, se apresentará ao Provedor dellas, que tenho Ordenado, que haja nas ditas partes, elhe = declarará, como quer fazer o tal descobrimento elavrar, e tirar os Metaes, que nellas forem achados á sua propria custa, de que pagará o quinto, forro de todas as despezas á Minha Fazenda *sem* ellaterobrigação delhe dár para isso *couza alguma*, deque se fará assento, = pello Escrivão do dito Provedor emhum Livro que para isso houvera, assignado enumerado por elle, eem que atal peçoa assignará, e com Certidão do dito assento, Mando ao Governador do dito Estado, Capitães das Capitanias delle, provedor mór de Minha Fazenda... (Cartoriais - séc. XVII - 404)
- (24) *Nada* mais direi se não, quando reunindo as minhas idéas, tenho demonstrado exuberantemente, que o *Senhor Doutor* Nicanor reunindo | por 1^a. intensão as feridas de Manoel José Fernandes obrou, com- | forme os principios inconcussos da pratica cirurgica
- (25) Inf ah bom... pela manhã:: as gurias chegam me dão um beijinho bom dia MAE ou às vezes *nem* dizem *NAda* oLA:: assim em casa né? agora na rua... naturalmente () dizem bom dia como vai?... é é essas coisas assim... né? (NURC Did POA 45)

O mesmo se dá com *nada de* + *infinitivo*, que tem sido empregado em construções imperativas com valor adverbial de negação.

- (26) *nada de* ficar comendo e olhando no espelho viu?

Alguns verbos no particípio passado são reanalisados em contextos contrastivos ou de exceção, assumem sua polaridade negativa, iniciando o ciclo. Em dados mais recentes, o reforço negativo será feito por intermédio da conjunção condicional *se*, item de polaridade negativa parcial, como mostraremos adiante.

- (27) Nimguem poderá ter, mais, que h~ua mina, das ditas de 60.va=ras, entro do termo dalegoa emeia, epoderá ter as ditas varas, re=partidas, nas Bettas, que houver na dita distancia *naõ* as tendo primeiro escolhidas, etomadas em Mina inteira, na Betta, descubridoiria ouemoutra, *salvo* comprando alguma Mina, porque comtittulo=de compra, poderá termias que h~ua.... (Cartoriais - séc. XVII -540-543-546)
- (28) Hé muito pobre por *naõ* ter comersio alg~u *salvo* alg~uas Canoas *que* fabricaõ para as expediçoens de Cuyabá, e Mato grosso cuja Navegação está hoje extinta por seguirem estes comerciantes por terra pela capitania (...) (fól. Custaõ estes cascos sem mais preparo algum setenta athé oitenta mil reis, e mais. (Diário Navegação - fól. 5r - séc. XVIII)

A inclusão da palavra *que* diante de alguns advérbios, como *ainda* e *desde*, pode gerar o valor parcial de contraste, tal qual aquele expresso por uma conjunção concessiva ou adversativa:

- (29) Achandose Bettas nas ilhargas, da Betta principal, e estando taõ perto, que os donos dellas, senaõ poçaõ todos qua=drar em meio, deichando ah~ua ea outra parte espaço, se poça=deitar entulho, e terra, que seretira das Minas, oda Betta mais antiga se quadrará, e demarcará primeiro, *ainda que* naõ requeiraõ, e estando algum dos ditos Donos das Minas, já demarcadonaõ poderá variar, nem demarcarse para outra parte comofica dito. (Cartoriais - séc. XVII - 560)
- (30) Ora, *desde que* o Estado, unica folha, alem do Correio, que, pela circulação, offerecia esta vantagem ás publicações officiaes, cobrava 1:500\$000, nenhum outro alvitre podia seguir o honrado Governador senão encarregar o Correio que fazia por muito menos. || Para que, pois, a formalidade do concurso? || (XIX)

c) *negação do foco* > *inclusão*: a idéia negação de foco por meio da expressão *não só* passou a exigir o sua contraparte correlativa *mas também*. Surpreendentemente o resultado foi a sobrevalência dos valores inclusivos *mais* e *também*. Diacronicamente, contudo, o que se viu foi a emersão da idéia de contraste. Sob o ponto de vista funcional, houve a desfocalização

de um elemento, e conseqüente ampliação do campo de visão, exigindo a operação de inclusão. Eis um mecanismo sintático com efeito discursivo. Processo similar ocorreu com a expressão *só que* no português.

(31) Ora, não era possível que recebessemos sem espanto o acto do Senhor Doutor Almeida, *não só* porque contêm manifesta infracção de lei; (SP)

(32) porque nós temos condições de mostrar prá ele MUito doente que é o importante porque medicina você sabe que é prática *não é só* teoria...entao a aula prática é muito mais interessante do que a aula teórica. (Nurc Did SSA 231)

d) *QU > modo imperativo negativo/causa*: Da mesma forma que Espinal (1995), identificamos contextos específicos em que sentenças QU- interrogativas e exclamativas geram efeitos de polaridade negativa, tais como reprovação, proibição. Segundo o autor, em muitas línguas, as estruturas QU- detêm polaridade negativa que favorece a leitura negativa, cujo efeito pragmático pode ser a dúvida, a avaliação ou a intensificação. Esta é a base do argumento de Klima (1964, *apud* Haegeman 1995), pioneiro da análise de estruturas negativas. Para o autor, há um número considerável de propriedades sintáticas que guiam os usos das sentenças negativas e das sentenças interrogativas.

(33) Quem mandou você ligar para mim? (por quê?, reprovação)

Comportamento similar apresentam algumas construções que tem em sua base a conjunção condicional (com polaridade negativa parcial). Isso ocorre com o item *senão*, como se vê nos exemplos seguintes:

(34) Já mais nunca quedamos, andando vias,/por erdar comendas e benfeitorias;/pero se nos convidan alg~uus dias,/non *nos* dan *senon* leit'e e pan de cent~eo. (Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses.p.230 - cantiga 144)

(35) e demarcará asuamina dentroem dois dias, eo=mesmo faraõ os outros, que successivamente apóz elle avierem pedir, e= não ofazendo alguns delles, assim aseguinte em Ordem, poderá= demarcar livremente sua Mina, comoseo outro, que *senão* quiz demarcar, no dito tempo não estivera diante, em nenhuns dos sobreditos de pois deser feita h~ua vês suademarcação; poderá variar, nem mudar os marcos, ebalizas, para outra parte, sobpenna deperder o Direito, que na dita mina tiver. (Cartoriais - séc. XVII - 451-453)

e) *condição + volição > exclusão*: É o que ocorre com *sequer*⁷(condição+querer), que exige normativamente a presença de elemento negativo, mas que os falantes já começam a não sentir tanta necessidade de incluir essa partícula.

(36) Oh! que sine-cura! He director das escolas da provincia do Rio de Janeiro, ou cousa que o valha, e ouvi dizer que *Sua Senhoria* trata | tanto de resto as suas obrigações, que *nem se quer* dá ao trabalho de responder ás communicações que lhe são dirigidas em officios. E que virão os nobres Doutores Redactores. || O tira teimas

(37) Os professores das cidades, servem-se | de jornaes como livros de leitura; De que | servem os professores em lugares onde | *não* tem, *se quer*, este recurso? | (MG)

3. Considerações finais

Os trabalhos que temos lido a respeito da negação e da polaridade têm desvendado muito da estrutura formal variável e obrigatória nas várias línguas. Por meio da negação, inclusive, traçou-se uma divisão entre conjuntos de línguas que admitiam a dupla negação e as que admitiam negação exclusivamente pré-verbal.

Uma das grandes descobertas acerca do funcionamento da negação foi reconhecer a importância da finitude do verbo. Os correlatos formais associados a essa descoberta foi o tempo do verbo, controle da presença de advérbios de tempo. Se a oração assume a configuração não-finita, a negação obrigatoriamente vem na posição à esquerda.

Contribuição importante também foi dada por Giannakidou & Quer (1995), que analisaram o grego e deram evidências de que a negação na principal pode alterar o efeito da sentença para um valor performativo “Você não acha que devemos ir embora?” e que se na principal houver um verbo epistêmico, espera-se que a dupla negação não ocorra.

Pelos estudos, reconhecemos que existe a opcionalidade de marcação de negação se a sentença for qu-exclamativa, do tipo “que atrocidades não cometeu Hitler!”, que combina polaridade negativa com intensificação.

O que esses estudos não mostram é que a negação, embora seja marcada muitas vezes por uma partícula muito pequena, altera todo o efeito da informação codificada. Além do mais, restam algumas valas a serem abertas sobre o comportamento de uma negação clítica e afixal, tal como polemiza Sousa (2006) e, por fim, restam também muitas informações

⁷ Segundo Houaiss (2001), **sequer** pode assumir as seguintes acepções: 1. pelo menos, ao menos; 2. nem mesmo; 3. ainda. Mas as acepções 1 e 2 são usadas modernamente quase sempre na negativa e a 3 já traz obrigatoriamente a partícula negativa.

camufladas numa língua em sua pancronia. Lidar com a língua sincrônica (por meio de estudos de tendências) e com a língua diacrônica (por meio de estudos de tipo painel e de estudos descritivos a partir de edições filológicas que preservem o estado de língua de várias épocas) numa metodologia combinada de frequência *types* e *tokens* pode auxiliar a compreender melhor a dinâmica da polaridade e da negação no português em sua ritualização e ciclicidade.

Referências Bibliográficas

Anne Abeillé & Danièle Godard. The syntax of French negative adverbs. In: Forget, D.; Hirschbühler, P.; Martineau, F.; Rivero, M.L. (eds.) *Current issues in Linguistic Theory* (15): *Negation and polarity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995. (pp.1-27)

BARBOSA, Afranio & LOPES, Célia (orgs.) . Críticas, queixumes e bajulações

na Imprensa Brasileira do séc. XIX: cartas de leitores e cartas de redatores .Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB). São Paulo: Humanitas/2004

Bouchard, Denis. The syntax of sentential negation in French and English. In: Forget, D.; Hirschbühler, P.; Martineau, F.; Rivero, M.L. (eds.) *Current issues in Linguistic Theory* (15): *Negation and polarity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995. (pp. 29-52).

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Variação e mudança no domínio funcional da negação. *Gragoatá*(9). Niterói: EdUFF, 2000 (pp.155-170)

Cunha, Antonio Geraldo da; Cambraia, César Nardelli; Megale, Heitor. A Carta de Pero Vaz de Caminha: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear.São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 1999.

Espinal, M.Teresa. Non-negative negation and WH-exclamatives. In: Forget, D.; Hirschbühler, P.; Martineau, F.; Rivero, M.L. (eds.) *Current issues in Linguistic Theory* (15): *Negation and polarity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.(pp.75-93)

FONSECA, Hely D.Cabral da. Marcador negatio final no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (46), Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp, 2004. (pp. 5-19)

GANZELLA, Livia Mara; BOLFARINE, Mariana; ALVES, Rafael Ramalhoso. *A conjunção (ou locução conjuncional) 'PERO' na Demanda do Santo Graal*. Artigo inédito produzido durante curso de Filologia Portuguesa. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

GIANNAKIDOU, Anastasia; QUER, Josep. Long Distance licensing of negative indefinites. In: Forget, D.; Hirschbühler, P.; Martineau, F.; Rivero, M.L. (eds.) *Current issues in Linguistic Theory* (15): *Negation and polarity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995 (pp.95-113).

HAEGEMAN, Liliane. The syntax of n-words and the neg criterion. In: Forget, D.; Hirschbühler, P.; Martineau, F.; Rivero, M.L. (eds.) *Current issues in Linguistic Theory* (15): *Negation and polarity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995(pp.115-137)

HOEKSEMA, Jacob. Negation and negative concord in middle dutch. In: Forget, D.; Hirschbühler, P.; Martineau, F.; Rivero, M.L. (eds.) *Current issues in Linguistic Theory* (15): *Negation and polarity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995(pp.139-156)

LIMA-HERNANDES, Maria Célia; GALVÃO, Vânia C.Casseb. Polaridade no encaixamento. In: KEMMLER, Rolf; SCHLIEBEN, B.; SCHONBERGER, A. (Horgs.) Frankfurt am Main: Domus Europea, 2006.

MARTINS, Eduardo. Manual de redação e estilo. SP: O Estado de S.Paulo, 1990.

MEGALE, Heitor & TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida (orgs.). *Por minha letra e sinal*. SP: Ateliê, 2006.

NUNES, Irene Freire. A Demanda do Santo Graal. (Edição de Joseph Maria Piel, concluída por Irene Freire Nunes, com introdução de Ivo Castro). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988 (pp. 69-78)

OLIVEIRA, Claudemir Silva. *Rem: presença de arcaísmo no português medieval*. Artigo inédito produzido durante curso de Filologia Portuguesa. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. Serões Grammaticaes ou Nova Grammatica portugueza. Bahia: Livraria Progresso Ed., 1950.

SILVA, Dionísio da. Bem se quer, mal se quer. <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/colunas/lingua/2002/09/02/jorcollin20020902001.html>

SOUSA, Lílían Teixeira. *Gramaticalização da negação no português brasileiro*. Comunicação apresentada ao Grupo Temático - Mudanças Lingüísticas e Gramaticalização, durante o XI Simpósio Nacional & I Simpósio Internacional de Letras e Lingüística - Linguagem e cultura: intersecções. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia/Instituto de Letras e Lingüística, 2006 (inédito).

TAIT, Breno; PEREIRA, Daniel Sanches; NOTARI, Isaldo; PEN, Jacqueline. *Ende - o vocábulo no texto A Demanda do Santo Graal*. Artigo inédito produzido durante curso de Filologia Portuguesa. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

Alguns documentos consultados:

Diário da Navegação do Rio Tieté, Rio grande Paraná, e Rio e Gatemy em que se dá rellação de todas as couzas mais notaveis destes Rios, seu curso, sua distancia de todos os mais Rios que se encontraõ, Ilhas perigos, edetudo o acontecido neste Diario pelo tempo de dous annos, e dous mezes Que principia em 10 de Março de 1769. Escrito pelo Sargento Mór Theotonio Joze Juzarte.

Testamento de D.Afonso II [1214]. Edição de Correa de Oliveira e Saavedra Machado. *Textos Medievais Portugueses*. Coimbra: Coimbra Ed., 1967 (pp.397-404). 9ª edição.

Notícia de Torto [1212]. Edição de Correa de Oliveira e Saavedra Machado. *Textos Medievais Portugueses*. Coimbra: Coimbra Ed., 1967. (pp. 404-412).

Cantigas d'Escarnho e de Mal dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses. Edição crítica elaborada pelo prof. Manoel Rodrigues Lapa. Vigo: Editorial Galaxia, 1965.

Afonso X, o Sábio. Cantigas de Santa Maria. Edição de Walter Mettmann. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1959, vol. I (pp. 21-38).

Afonso X - Foro Real. Publicada por José de Azevedo Ferreira. Vol. I. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987 (pp.125-143)

Corpus Diacrônico Do Português. Vol. I - século XIII, organizado por Fernando Tarallo. Campinas, Unicamp, 1991.

Documentos cartoriais do acervo do Arquivo Histórico Dr. Félix Guisard Filho, de Taubaté. São inventários e testamentos de Domingos Gomes da Costa, de 1671, de Maria Moreira, de 1675 e de Bartolomeu Cunha Gago, de 1685. Há também um documento de “Carregação de João Cavaleiro feita ao Capitão Amador Bueno da Veiga, de 1700 - cartas oficiais ao governo do estado do Brasil e das capitanias, In: Megale & Toledo Neto. *Por minha letra e sinal*.